

● A CASCA DO OVO

CERTA VEZ UM AVÔ DESOCUPADO resolveu contar a seus netos a história de um cavaleiro que enfrentava toda sorte de perigos para salvar uma princesa presa na torre. Enquanto esperava o herói vir salvá-la, ela lia, entendiada, uma história sobre um caçador de tesouros. Este se tornou famoso pela quantidade de joias encontrada, mas não rico o bastante, já que todo tesouro era vendido a preço de banana e revendido a milhões. Então, como não valia a pena buscar ouro mesmo, decidiu traduzir caracteres antigos e partiu em busca de uma tumba. Decifrando o texto das paredes, viu tratar-se de uma fábula entre dois irmãos: um rato e um pardal.

Você acha estranho os dois serem irmãos? Pois bem, digo que eram gêmeos, ainda por cima. O rato costumava roubar comida do vizinho, e o irmão, sábio pardal, vivia a lhe dizer: “O que vem

fácil uma vez de jeito nenhum vem outra vez”. Aconteceu que o vizinho mudou-se; o rato não tinha mais de quem roubar e acabou morrendo de fome. Calma, não chore, eu estava brincando, digamos que ele apenas passou um aperto... O pardal o repreendeu, falou até dizer chega e acabou por contar ao irmão a história do macaquinho de pele rosada, velho amigo seu, que gostava de pregar peças até o dia em que foi pego. Na ocasião, precisou dispor de talento para inventar uma mentira: disse que, em uma estrada distante, havia sido enfeitado por um velho baixinho e corcunda; essa era a causa de sua natureza tão traiçoeira.

O velho baixinho e corcunda — que na verdade era uma mentira do macaco, que, por sua vez, era amigo do pardal, personagem da fábula inscrita na parede da tumba que figurava no livro da princesa, cujas aventuras do cavaleiro o avô contava a seus netos (aliás, nem sei como esse avô entrou aqui) — vivia em um vilarejo que tinha uma história muito especial.

Essa história, contudo, ainda não é a que nos interessa. Prometo que estamos quase lá, mas antes algo tem de ficar claro. Uma história, por definição, precisa de alguém que a conte e alguém que a escute. Em um meio-termo, ela não é nada,

porque, antes que você a escute, ela ainda não existe; só passa a existir conforme eu a conto para você... Mas já não sei o que isso tem a ver com o que eu dizia.

Ah, sim! Encontramos nossa história. Não depende só de mim acordá-la, mas podemos tentar. Uma cutucada, e nada. Agora é sua vez. Não tenha pena da casca grossa desse ovo gigante. Se ele chocar, aviso que corremos o risco de não gostar do que vai nascer. Está confuso? Calma, daqui para frente só piora. Ou não. Vai depender do que sair daí. Parece que a casca está trincando e já se pode sentir o vapor quente que vem de dentro...

Do meio desse fulgor de pensamentos se condensa um núcleo que talvez pareça superficial demais, cru demais, recém-nascido demais. Mas não! Ele pode ter um início anterior ao que se pensa e ser maior e mais abrangente que um ovo gigante — talvez englobe a si mesmo e a seus criadores, em um *loop* sem começo nem fim, sem maior nem menor.

Pronta em seus detalhes, quente como o magma de um vulcão, condensando-se aos poucos e aguardando apenas um olhar de uma alma viva ou morta, a história se enlaça e se desenlaça, pronta para romper e nascer, materializando tudo,

dando início a uma linha temporal que, uma vez atizada, quem poderá conter?

Está nervoso? Eu também.

Enquanto a casca trinca, despeçamo-nos, porque, depois que a energia líquida aí contida se espalhar, nem você nem eu seremos os mesmos. Muito menos eu, a voz que por livre vontade (ou pura falta de personalidade) apenas ecoa estas complexas palavras.

Era uma vez...

● ERA UMA VEZ...

ESTA HISTÓRIA SE PASSA naquele vilarejo, onde morava o velho baixinho e corcunda. Pensando bem, é outra história e, por consequência, outro vilarejo e outro velho baixinho e corcunda — este é incomparavelmente melhor. O vilarejo não tinha nome por um motivo simples: seus habitantes não conheciam vilarejos além daquele, então não podiam compará-lo com outros e diferenciá-los destes (até porque não havia outros, ora!). Como era o único para eles, chamava-se simplesmente Vிலarejo.

É justo dizer que ele tinha cara de lembrança gostosa. Sua atmosfera fazia recordar um passado sem fim, trazia à tona as lembranças mais incertas e poderosas, daquelas que nos enchem de suspeitas quanto à veracidade e constituição. Meio sonho, meio real, mas sempre muito aconchegante. Também era um lugar pacato, o que não quer

dizer monótono ou sem graça. Ao contrário, o local despertava sensações que nunca cansavam, apesar de serem sempre as mesmas.

Sendo um lugar tão bonito e especial, era impossível não chamá-lo de lar. Qualquer um que a ele chegasse se sentiria tão acolhido como se tivesse passado ali os melhores momentos da infância. Localizado em uma floresta ou em um bosque mágico, o Vilarejo fora erguido com base nas tradições e no afeto. Nele havia casinhas de madeira, pequenas e arredondadas, com chami-



nés sempre fumegantes e cheiro de lenha queimando — dizem que os cheiros atiçam os sentimentos mais profundos, mas, infelizmente, não tenho como escrevê-los aqui, tampouco posso pedir que você feche os olhos e os sinta, pois não conseguirá ler de olhos fechados. Enfim... o Vilarajo cheirava a nascentes d'água brotando nas pedras no meio do mato, a flores e vento fresco, a terra molhada pela chuva, a galhos e orvalho, a aroma de inumeráveis plantas.

Alguns habitantes viviam em grandes cogumelos coloridos ou mesmo em árvores ocas, igualmente arredondadas, gordas e simpáticas, assim como todas as plantas e os animaizinhos. A própria natureza parecia distorcer-se na beleza do lugar, confundindo-nos sobre o que surgiu do quê: se a Terra do Sonho ou o Sonho da Terra. Alguns animais falavam, mas só quando estavam de bom humor. As plantas, por sua vez, não possuíam muito talento para a fala — embora, segundo alguns, elas até o tivessem, porém gostavam mesmo de ignorar os outros.

Uma meia dúzia de famílias vivia ali.

O sapateiro trabalhava, como condiz, fazendo sapatos — ele os fazia o dia todo, mas não sei se havia tantos pés para calçá-los.

O velho baixinho e corcunda era muito quieto, e há quem diga que ele fazia magias em sua quietude.

Três criancinhas brincavam dia e noite, sem parar, correndo, escondendo-se, pulando, pulando, pulando...

Havia também a casa número 1, a única numerada. Seus moradores não foram bem-sucedidos na tentativa de organizar o Vilarejo, uma vez que ninguém os acompanhou. Sem se darem por vencidos, insistiram nesse solitário paradigma, sendo seus únicos adeptos.

No alto de uma árvore, a mulher de cabelos escuros passava o dia na janela bisbilhotando os vizinhos, ainda que nada diferente acontecesse — acho até que, se porventura algo ocorresse, ela não saberia como reagir...

Já no canto mais tímido do Vilarejo, encontrava-se uma casa de pedra que, apesar de tudo, não se destacava, pois sua moradora, uma bruxa, preferia a discrição. Vivia mexendo com a colher de pau em seu caldeirão, preparando sabe-se lá o quê.

É claro que não havia apenas esses habitantes — não posso ficar aqui dando o endereço completo de cada infeliz que morava lá. Tinham outros, talvez mais uns três.

No entanto, o que fazia do Vilarejo um lugar tão especial não era sua beleza, seus moradores ou a paz que lá reinava. O que o tornava diferente era o fato de nenhum habitante dar-se conta do privilégio de viver em um lugar tão bom. Pois é, ninguém entrava ou saía dali, pois em certo trecho da trilha na floresta havia um tronco tombado — uma espécie de limite inconsciente, uma marca natural sinalizando “daqui ninguém passa”. Ninguém, tampouco, tentava passar, falava sobre passar ou pensava em passar, como se houvesse um acordo de não tocar no assunto e de mergulhar em um silêncio terrível sempre que a conversa ia para esse lado. Simplesmente eles não o ultrapassavam e pronto.

Esse jeito peculiar de viver no Vilarejo fora criado sobre o mistério e o tempo, mas nunca duvide da capacidade de alguém de mudar as coisas repentinamente...

● A MENINA QUE LIA

A MENINA QUE LIA TODOS OS DIAS, horas e horas, era um daqueles “três habitantes” que não apresentei antes, e o fiz justamente para causar esse impacto: tcharam!

Não se indague demais, não resista aos fatos, nem fique curioso para saber quem eram os outros dois — você nunca saberá. Vale dizer que a menina, em sua humilde existência, se tornou ou se tornaria de grande importância para tudo e para todos.

Toda manhã ela buscava o canto mais aberto do Vilarejo, o lugar em que o sol podia dar as caras mais espaçosamente. Então se aconchegava nas raízes de uma árvore e folheava um grande livro de capa vermelha. O que ele continha não importa, talvez nem ela o soubesse. Lia-o com tanta ânsia que às vezes tinha vontade de chutar as vírgulas para longe — exagero meu, acho...

Mas o fato é que sua leitura era fantástica e fantasiosa; até os sons do Vilarejo, tão magníficos, calavam-se em augusto silêncio, rompido apenas pelo papel virando, página por página.

Pobre criança órfã... Não!!! Claro que ela não era órfã, eu estava apenas fazendo um teste. Por que toda história infantil tem de ter um órfão? Entretanto, como outras crianças, ela imaginava que seus pais fossem reis de um mundo distante, ou grandes benfeitores mortos injustamente, ou, ainda, seres superpoderosos. Diante de tamanha imaginação, talvez fosse difícil para ela se conformar com o fato de seus pais serem os maníacos por organização, os donos da única casa numerada no Vilarejo. Isso, porém, não quer dizer que ela não os amasse. Apenas significa que sua mente insistia em voar além. Talvez não haja mal nisso. Quem sabe...

Enfim, ela era apenas uma criança não órfã com uma imaginação vibrante, que valia por si só. Chamava-se Naia, um nome que nem de perto nem de longe lembra coisa alguma. Mas, afinal, o que um nome deve lembrar, a não ser a própria figura que o carrega? Essa história esconde mais coisas do que conta. É por isso que estamos tão ansiosos para prosseguir.

O Vilarejo continua o mesmo. Naia, contudo,

creceu um pouco, mas não o suficiente para deixar de ser chamada de criança. No entanto, sua mente estava cada vez mais brilhante. Havia algo nela, um interesse pelas coisas, pelo mundo, uma vontade de conhecer mais... uma curiosidade genial. Ainda era uma centelha, mas quem sabe até que ponto ela poderia crescer?

— Mãe, por que ninguém nunca saiu daqui?

— perguntou ela certa vez.

— O que disse?

— Daquele tronco tombado ninguém jamais passou... Você nunca teve vontade de sair?

— Como assim sair, Naia? — a mãe riu.

— Sair. Caminhar na trilha até encontrar...

— Encontrar o quê?

— Exatamente! O quê?!

Naia começou a imaginar coisas que se projetavam além da possibilidade do real. Essa indagação, essa dúvida, essa vontade de ver e imaginar o que havia adiante não a deixou descansar. Teimosia de criança pode ser muito instigante...

A mãe, querendo se livrar do problema, mandou que ela perguntasse ao pai, que também não foi capaz de encontrar a resposta. “Essa menina só pode estar louca. Onde já se viu? Que desejo sem sentido!”, pensou.

Em pouco tempo Naia virou alvo de comentários do Vilarejo, sendo chamada de deslocada. Diante disso, passou a se sentir desse modo: fora de lugar. O feitiço, então, se voltou contra o feitiçeiro, pois antes, quando ultrapassar aquele ponto era uma regra implícita, tudo bem segui-la, mas agora era diferente, tornara-se para ela uma regra imposta, sem nenhuma razão, e essas são as mais inquietantes.

— Pois bem, tomei minha decisão. Vou ultrapassar aquele tronco e ver o que existe depois dele. Desculpem se estou decepcionando vocês, não é minha intenção, mas não posso mais continuar presa aqui, entendem? Deve haver tanta coisa lá fora... Cuidem-se e continuem sendo tão bons quanto são.

O discurso foi até bonito, e os habitantes, um a um, a cumprimentaram, desejando-lhe sorte. A ingênua hostilidade foi substituída por lágrimas de saudade antecipada. Um grupo de animaizinhos se reuniu ao redor dela; alguns esganiçaram um tchauzinho, outros saltaram alegres e animados, e havia os que não estavam nem aí para nada.

Concordo que os pais de Naia, como bons pais que eram, deveriam preocupar-se com os perigos que a filha enfrentaria viajando sozinha...

Mas o fato é que eles nem imaginavam quais perigos existiam, pois no Vilarejo não havia nenhum e também nunca tinham visto nada de fora. Então, não podemos chamá-los de desnaturados por isso.

— Você vai voltar? — perguntou alguém.

— Não sei, provavelmente sim. Se lá fora for muito bom, voltarei para levá-los comigo. Caso contrário, prometo não vir, para não trazer nada de ruim.

— Você é uma jovem bondosa e inteligente — disse o velho baixinho e corcunda. — Não deixe que isso se perca.

Vieram os presentes de despedida. O sapateiro lhe deu dois pares de sapatos: um do tamanho dela e outro tão grande que caberia em um gorila.

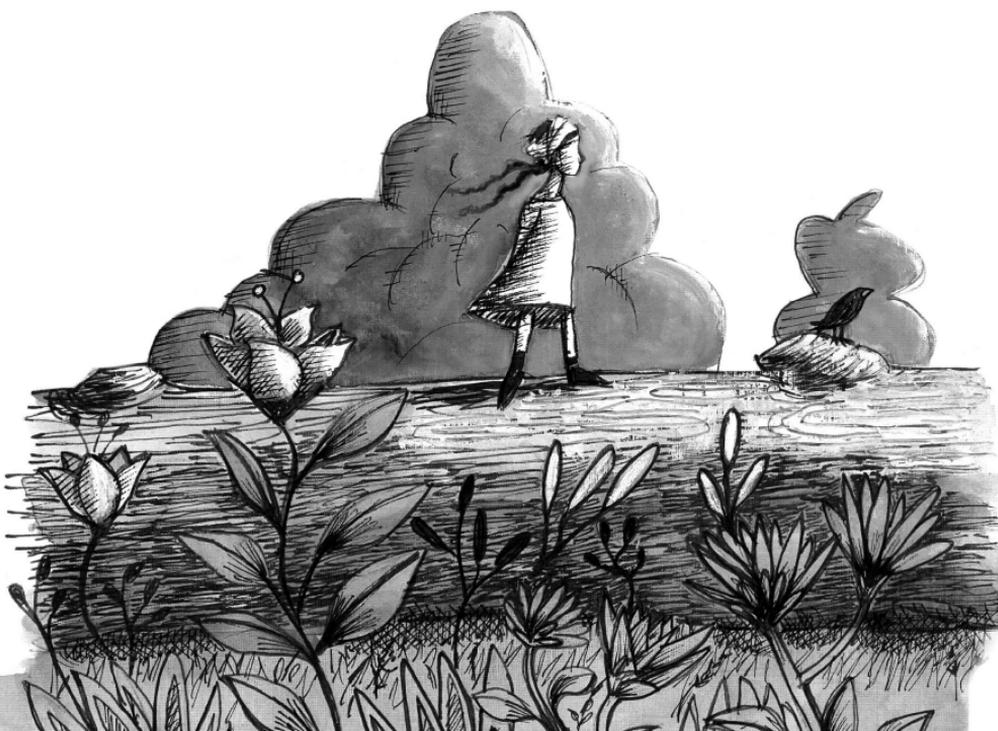
— Para quando seus pés crescerem — explicou ele.

As criancinhas trouxeram-lhe brinquedos; ela achou graça, porque eram os mesmos que tinha dado a elas tempos antes. Seus pais lhe deram uma garrafa d'água, pão, mel e doces.

Naia colocou tudo em uma bolsa e foi descansar um pouco antes da partida. Despertou de madrugada, pois não queria encontrar ninguém na saída — a travessia deveria ser feita por ela, apenas ela. Deixou a singela casinha de madeira

e seguiu pelo povoado escuro, iluminado sutilmente pelos vaga-lumes. No caminho, o silêncio era cortado pelo ruído dos grilos e das gotinhas de orvalho na grama.

Quando por fim chegou à trilha, embora estivesse feliz, não pôde deixar de sentir um frio na barriga. Deixara para trás o Vilarejo, com seus sons, seus cheiros, suas sensações de sonho e tudo o mais e estava prestes a entrar em um local totalmente desconhecido. Quem sabe o que o futuro lhe reservava? Ela não sabia. Aliás, sabia muito pouco sobre qualquer coisa. No entanto, a curiosidade tornava tudo aquilo muito atraente!



— Pois bem, Naia, hora de atravessar! — disse a si mesma, observando o tronco tombado.

Subiu nele sem muita dificuldade, olhou para trás uma última vez e desceu do outro lado.

Aqui a história mais uma vez se transforma.

● A SAÍDA

CERTA VEZ UM POETA DISSE que não há nada mais belo que encontrar uma saída. Às vezes nem se sabe que se está preso, e ainda assim a brecha se abre. O problema é que o lado de fora nunca é o lado de dentro, é sempre outra coisa. Parece óbvio? Não é. Se seu universo está ruim, no outro você pode encontrar algo melhor... ou — e é aí que reside o problema — pior.

Já havia amanhecido e Naia notou um pássaro azul rodear o céu lá no alto. Mal piscava os olhos enquanto trilhava a floresta; não queria perder nada, como se cada mato fosse um espetáculo inédito, como se as respostas a todas as perguntas pudessem de repente saltar da dobra de uma planta qualquer. Mas a verdade é que tudo parecia bem mais sem graça ali, até as cores, mais mortas. Mesmo assim, era novidade. Fora do Vilarajo, qualquer coisa era lucro.

Alcançou um lugar onde a trilha se dividia em várias direções. Quatro plaquinhas talhadas em madeira indicavam “Floresta dos Ankharos”, “Estrada das Camélias”, “Caminho Molhado” e, apontando de volta para a trilha de onde ela viera, “Vilarejo”.

Desorientada, Naia observou as setas. Então, após um tempo ou dois, ruídos de passos entre as folhagens à esquerda chamaram-lhe a atenção.

— Ei, o que você quer aqui? Vá saindo agora mesmo! — disse a voz rabugenta. — Não pode entrar no Vilarejo! Trate de voltar imediatamente ou tome outro caminho! Para o Vilarejo é que você não vai!

— Mas não estou indo para lá... — respondeu Naia, com ar tranquilo.

— Então o quê?

Naia olhou a criatura de cima a baixo. Era o ser mais estranho que já vira na vida. Talvez um roedor de pelos castanhos, mas com forma humana e falando como um deles. Menor que ela, tinha orelhas tão compridas que pareciam duas faixas caídas para trás, estendendo-se sobre o chão, além de pés muito grandes e desproporcionais.

— Não sei, estou escolhendo um caminho. Quem é você?

— O guardião. Sou o responsável por não deixar ninguém entrar no Vilarejo.

— Prazer, senhor Guardião. Meu nome é Naia. Não quero ir para o Vilarejo; na verdade, estou vindo de lá.

— Vindo de lá? Não é possível!

— Posso passar?

— Bem, minha obrigação é não deixar ninguém passar daqui para lá... Mas nunca aconteceu de alguém vir de lá para cá... Não sei, estou confuso... Como pode? Ninguém me deu instruções para uma situação dessas...

— Mas o que você é? É tão diferente...

— Já disse, sou o guardião deste lugar.

— Mas por que guarda a entrada do Vilarejo?

— Porque fui ordenado a fazê-lo, ora!

O ser olhou para os dois lados e, já doido para se livrar do estorvo de perguntas, deliberou:

— Tudo bem, passe e siga seu caminho. Ninguém poderá dizer que deixei de cumprir minha obrigação.

— Muito obrigada, senhor Guardião.

Ela ia prosseguir, mas se deu conta de que os caminhos lhe eram totalmente estranhos. Qualquer decisão tomada seria irresponsável.

— Esses caminhos dão onde? — perguntou ao guardião.

— Nos lugares escritos nas placas, ora!

— Estou perdida... Nunca saí do Vilarejo, não sei para onde ir.

— Bem, você pode ir para Laguna, que é a cidade mais próxima. Seguindo pela Floresta dos Ankharos, chegará mais rápido, mas é um pouco perigoso. O Caminho Molhado é mais longo, e molhado, claro, mas seguro. De qualquer modo, nada é muito perto. Devia ter se preparado melhor para a viagem.

— Quantos metros?

— Ah, não sei, uns quatro mil.

Naia arregalou os olhos. Que distância! O Vilarejo tinha no máximo trezentos metros de diâmetro, compreendendo toda a área que ela já havia visto na vida. Nunca imaginara tal grandeza; passando da casa dos mil, chegava a causar vertigem e suspiros. Mal sabia ela que sua jornada redefiniria suas medidas e lhe traria coisas muito mais grandiosas...

● COISAS GRANDIOSAS

ESCAPEMOS DALI POR um breve instante — agora que os limites do Vிலarejo foram vencidos, nada mais nos impede de espiar terras longínquas. E põe longínquas nisso. Para não cansar sua mente, prometo que esta será a única vez que deslocarei a história no tempo e no espaço de maneira tão exagerada. Imagine a maior distância que puder e então o maior lapso de tempo; agora, divida um pelo outro e multiplique pela raiz de nada disso. Estaremos, então, em um lugar que até certo ponto ultrapassa nossa compreensão. Para que estamos aqui? Vou explicar: aquela centelha que nascera no coração de Naia teve uma origem que ela, a princípio, jamais entenderia. Mas como nós somos *vip*, podemos bisbilhotar por aqui. Aí vai:

Dois deuses conversavam em sua morada, um lugar inatingível: o Dia, sempre sensato e constan-

te, e a Noite, indagadora e ambígua. Um representava tudo; o outro, esse mesmo tudo invertido. A existência de um desafiava a existência do outro, assim como a inexistência de um teria como consequência inevitável a inexistência do outro. Discutiam sobre sua onisciência, ou seja, a capacidade de saber tudo. A Noite lançava questões intrigantes e, de certo modo, irritantes sobre o assunto.

— Não ouse questionar nossa onisciência! — disse o Dia. — Diante de nós está tudo, desde a menor formiga até o grandioso movimento dos astros. Conhecemos a origem e o fim de tudo, vemos coisas que os homens nem sequer imaginariam que pudessem existir, ouvimos os pensamentos de todas as criaturas. Não há mistério para nós, pois tudo aquilo considerado oculto nos é familiar. Todas as coisas estão em perfeita ordem e, por mais complexas que pareçam, são simples à nossa compreensão. Nem uma folha cai sem que saibamos.

— Mas isso não nos garante o atributo de onisciência... — retrucou a Noite. — Estamos sendo tão arrogantes quanto os pequenos homens, que acham que tudo sabem.

— Mas nós realmente sabemos tudo. Ou você acha que há algo que não saibamos? E o que seria?

— Não posso saber algo que não sei, certo? A questão é que não existe ninguém acima de nós para dizer se há algo mais. Pelo menos achamos que não existe.

— Prossiga.

— Não seríamos como aqueles habitantes do Vilarejo? Conhecem tudo o que há ali, mas nem imaginam haver algo além. Para eles, o mundo é aquilo e nada mais. Eu e você compartilhamos os mesmos conhecimentos e não vemos ninguém que saiba mais que nós, por isso nos automeamos oniscientes. No entanto, não podemos ver o que não vemos.

O silêncio do Dia era quase uma resposta como “continue, até que faz sentido”.

— Espere, tem mais! — exclamou a Noite. — E se houver um ser mais inteligente, que conhece mais que nós e nos mantém presos nos limites de nossa realidade? E mais curioso ainda: esse ser, mesmo sendo chamado de mestre por alguns, ainda estaria à mercê da mesma dúvida cruel!

— Sim, agora eu vejo...

Depois disso, o Dia e a Noite, seres supremos de toda a criação, completamente conhecedores de todas as questões físicas e metafísicas, concretas e abstratas, lógicas e surreais, funcionais e

filosóficas, os mesmos seres que fundaram aquela existência, os primeiros e os últimos, os seres para os quais não havia mistério... enfim, o Dia e a Noite já não tinham mais certeza de nada.

E foi assim que decidiram vasculhar as fronteiras e plantar uma centelha de curiosidade no coração de uma menina do Vilarejo. Se a centelha crescesse, ela venceria uma barreira e ganharia forças para vencer outra e mais outra... Os deuses não têm medo do eterno, por isso não lhes importa o tempo, apenas que a centelha seja plantada como uma função matemática que recebe uma variável e se resolve sozinha...

Enfim, essa é só uma possível explicação para o início desta história.

Contudo, feliz ou infelizmente, há outras seiscentas. Só que essa, entre todas, é a mais grandiosa. Fiquemos com ela.